Simpósios Temáticos (STs)

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Eixo Temático | Número do ST | Título do ST | Descrição do ST | Coordenadores dos STs |
| Práticas educacionais para/na/com diversidades | ST 01 | Práticas educacionais para/na/com diversidades | O contexto brasileiro atual é marcado pela discussão sobre a diversidade cultural e social, com muitos autores se debruçando sobre a importância da discussão desses elementos tanto na formação de professores quanto na escola. Além de compreender as especificidades deste cenário, também é fundamental pensar a aula e o projeto de ensino que integre esses sujeitos, entendendo suas especificidades, mas apontando para a inclusão e o cuidado. Para além disso, o cenário também se vê às voltas com a discussão sobre a hiperdiagnose a medicalização e a patologização da infância, colocando a importância de pensarmos também essas questões na relação com a diversidade. Partindo-se de uma perspectiva crítica, histórica e cultural sobre o processo de ensino-aprendizagem, o presente simpósio busca discutir questões relacionadas à diversidade na escola e sua relação com as práticas de ensino, abordando tanto questões relacionadas aos diagnósticos e dificuldades de aprendizagem (TDAH, dislexia, TEA, dentre outros) quanto questões relacionadas à diversidade cultural, racial, de gênero e deficiência que busquem compreender e propor maneiras nas quais esses alunos possam ou não ser efetivamente inseridos. | Thalita Cristina Souza Cruz (UNIRIO)  Fernanda Shcolnik (CAp-UERJ) |
| Práticas de leitura e/ou escrita | ST 02 | Leitura e Escrita em Língua Portuguesa: mediações pedagógicas na educação básica | Na atualidade, com os novos desafios de leitura e de escrita surgidos com a emergência das fake news, dos inúmeros gêneros discursivos digitais e das ferramentas de produção textual por meio da Inteligência Artificial, os processos de ensino e aprendizagem de práticas de linguagem na Educação Básica mostram-se cada vez mais relevantes, exigindo, portanto, maior atenção e constante atualização dos estudiosos da área. Frente a isso, o propósito deste simpósio é reunir professores e pesquisadores dedicados a reflexões práticas sobre questões contemporâneas ao ensino de Língua Portuguesa, nas mais diversas vertentes pedagógicas, as quais se dediquem ao conjunto de habilidades relativas à leitura, à produção de textos e à análise linguística e semiótica (BNCC, 2017). Diante dessa perspectiva, serão bem-vindas comunicações na forma de relato de experiência ou memorial de formação que abordem a atuação docente de língua materna nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, incluindo a Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Assim, os trabalhos a serem submetidos devem envolver práticas de linguagem em português, pautadas no ensino de gêneros discursivos verbais, não verbais ou multimodais, literários ou não literários. | Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca (Cefet/RJ)  Daniela Porte  (CAp-UERJ)  Gustavo Augusto de Abreu Clevelares (Cefet/RJ) |
| Práticas de escuta e/ou oralidade | ST 03 | Práticas de escuta e/ou oralidade | Refletir sobre práticas de escuta e de oralidade no espaço escolar põe em cena a relação que ambas tecem com a escrita. A própria história do surgimento da instituição escolar está estreitamente ligada à história da tecnologia da escrita e de seu ensino. A introdução dessa tecnologia na sociedade, conforme Auroux (1992), modifica profundamente a ecologia das línguas e a relação que os sujeitos mantêm com elas. Este simpósio se volta para várias questões relacionadas à historicidade e ao funcionamento dessas relações. Interessa acolher pesquisas, trabalhos e/ou discussões que digam respeito a: como o imaginário da escrita afeta a oralidade e a escuta da língua? Como o imaginário da oralidade intervém na prática da escrita na escola? Como o domínio das tecnologias da escrita interfere nas relações sociais? Como o domínio das tecnologias da escrita significa os sujeitos e suas posições na sociedade? Que práticas de escuta da oralidade estão inseridas nas práticas de escrita escolar? Como a oralidade adentra os manuais escolares, os dicionários e outros instrumentos linguísticos? Como conceber práticas de oralidade e de escrita fora de uma relação dicotômica? Como acolher a oralidade nas práticas de escrita? Como trabalhar com outras técnicas de registro da oralidade que não sejam as da escrita alfabética? | Carolina Rodríguez-Alcalá (UNICAMP)  Élcio Aloisio Fragoso (UNIR)  Vanise Medeiros (UFF) |
| Práticas de análise e ensino de aspectos gramaticais | ST 04 | Práticas de análise e ensino de aspectos gramaticais | No Brasil, estão cada vez mais frequentes reflexões sobre o ensino de articulação de orações e o seu papel funcional-discursivo no co(n)texto de uso. Neste simpósio, atentos às novas demandas do Ensino Básico, principalmente no que se refere às orações adverbiais, objetivamos compartilhar estratégias e possibilidades de ensino mais produtivo e significativo dessas estruturas. A nossa proposta tem como ponto de partida o trabalho realizado no livro **Ensino, texto e sintaxe: orações adverbiais**, publicado no ano de 2024, no qual se busca fornecer ao professor da Educação Básica suporte para o ensino das estruturas adverbiais em sala de aula com base no uso, análise e produção de textos autênticos em Língua Portuguesa. Assim, convidamos professores e graduandos a refletir sobre como o ensino de Língua Portuguesa pode e deve se pautar nos usos linguísticos presentes em diferentes textos, em gêneros textuais diversos e nas mais variadas situações comunicativas. São bem-vindos neste Simpósio trabalhos que discutam não só ensino de orações adverbiais mas também de quaisquer aspectos gramaticais de forma contextualizada, produtiva, em que o texto não seja empregado como pretexto para o ensino de gramática. | Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)  Heloise Vasconcellos Gomes Thompson (IFRJ)  Felippe de Oliveira Tota (IFSC)  Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann (UERJ) |
| Práticas de ensino pela/com/e literatura | ST 05 | Práticas de ensino pela/com/e Literatura | Como ensinar Literatura sem primordialmente entendê-la como um trabalho que une linguagem e criatividade para tratar indagações e constatações variadas sobre a vida? A questão que se configura como força motriz desse simpósio é a possibilidade de pensarmos as muitas ramificações dos debates que já foram propostos para o ensino de literatura, bem como as práticas relacionadas a tal entendimento e a negação deste, que têm sido reflexões de muitos estudiosos, como Mikhail Bakhtin (1997), Roland Barthes (1980, 2002), Tzvetan Todorov (2009), Antonio Candido (2004), Paulo Freire (2003), Harold Bloom (1995), Lígia Chiappini de Moraes Leite (2006), Rildo Cosson (2014), Afrânio Coutinho (1975), Marisa Lajolo (2000), Anne-Marie Chartier (2006), Magda Soares (2006), Isabel Solé (1998), Raquel Villardi (1997), William Cereja (2005), Eliana Yunes (1999, 2012), todos problematizando e apontando caminhos, sim, no plural, porque não há uma fórmula para ensinar Literatura. O nosso convite é que docentes e/ou pesquisadores venham compartilhar pensamentos sobre caminhos existentes e, principalmente, vislumbrar e traçar novos. | Angélica Castilho (CAp-UERJ)  Raphaella Lira (CAp-UERJ) |
| Literatura e formação docente | ST 06 | Literatura e formação de professores | A formação de professores é um compromisso da universidade pública, historicamente construído não sem polêmicas e tensionamentos. Antonio Candido, em seu discurso de paraninfo, originalmente proferido em 1947 para os então formandos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (USP), aponta para o seguinte aspecto: a necessidade de transformar em valor humano tudo aquilo que foi ensinado e tudo aquilo que nós, professores, ensinamos. Ainda hoje, essa questão se faz presente e, recorrentemente, é em torno dela que gira parte da inquietação que acomete a maior parte de nós, professores de Literaturas: se é verdade que somos apresentados, ao longo das Licenciaturas, a uma diversidade de expressões literárias e encaminhamentos teórico-críticos, também não se pode negar o fato de que, muitas vezes, enfrentamos dilemas sobre como essa formação poderia dialogar com as realidades múltiplas da Educação Básica. Além disso, ainda é de extrema importância refletirmos sobre a indissociabilidade entre a formação do professor de Literaturas como leitor crítico e as suas práticas docentes. Quais são os princípios que regem essa formação e de que maneira ela contribui ou não para o fortalecimento de um professor leitor capaz de formar leitores literários?  Com o objetivo de fomentar esse debate, convidamos a todas as pessoas interessadas a participar deste simpósio temático apresentando trabalhos – pesquisas concluídas, pesquisas em andamento, relatos de experiência etc. – relacionados aos seguintes eixos:  i) leitura literária e/na prática docente;  ii) o professor de Literaturas como leitor crítico especialista;  iii) teoria/crítica literárias e formação docente;  iv) políticas públicas para a formação de professores de Literaturas;  v) formação docente e sua relação com a pesquisa/extensão na área dos Estudos Literários;  vi) o estágio supervisionado de Literaturas e a sua importância na formação docente;  vii) saberes específicos no campo da literatura e saberes escolares. | Carlos Henrique Fonseca (CAp-UERJ)  Maria Coelho (CAp-UFRJ) |
| Práticas metodológicas insurgentes | ST 07 | Práticas metodológicas insurgentes | O Simpósio Temático **Práticas Metodológicas Insurgentes** tem como objetivo fomentar reflexões e debates sobre práticas educacionais que desafiem os paradigmas tradicionais de ensino, a partir de uma perspectiva ampla e transdisciplinar na área de Linguagens. Busca-se reunir contribuições que descrevam e analisem estratégias pedagógicas inovadoras implementadas na Educação Básica, como metodologias ativas, materiais manipuláveis e abordagens decoloniais, que promovam um ensino inclusivo, crítico e transformador, fundamentados em Hooks (2017), Pilati (2017, 2019), entre outras/os. Nesse contexto, as práticas decoloniais serão exploradas à luz das contribuições de Hooks (2017), González (2020) e outras/os, que concebem a educação como um ato de resistência e transformação social, enfatizando o papel do diálogo e da construção coletiva do saber. Complementarmente, as aprendizagens ativas propostas por Pilati (2017) destacam o uso de materiais manipuláveis como recurso para engajar os estudantes em processos significativos de ensino-aprendizagem. O simpósio espera reunir trabalhos que explorem a interseção entre teoria e prática, abordando a implementação de tais metodologias em contextos educacionais diversos, bem como reflexões sobre os desafios e as possibilidades relacionadas à formação docente. Será, também, um espaço para discutir as estruturas de poder que permeiam a educação e o impacto dessas práticas na construção de uma pedagogia mais justa e emancipatória (Freire, 2001, 2011). Por fim, a partir desse panorama epistemológico, pretende-se debater as implicações das práticas metodológicas insurgentes para a formação de estudantes críticos e autônomos, abrangendo os temas propostos e outras questões relevantes no campo dos estudos de linguagem. Assim, o simpósio busca receber trabalhos interessados em promover um espaço de troca de saberes e contribuir para uma educação equitativa, alinhada às demandas do século XXI. | Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa (CBNB)  Carla Mota Regis de Carvalho (UFF)  Jocinéia Ramos (PMSG) |
| Análise de linguagens na Educação Básica | ST 08 | Análise de linguagens na Educação Básica | Uma avaliação, mesmo que breve, das diferentes reformas curriculares para o ensino básico de Língua Portuguesa, formuladas, no Brasil, ao longo dos anos, faz constatar as contribuições trazidas a esse domínio pela Linguística. Um novo olhar para o ensino de língua foi aos poucos se configurando e com ele uma outra concepção das funções e dos objetivos da escola, dos conteúdos a ensinar e do tipo de texto a explorar nas aulas. As atividades de leitura, análise e escrita passaram ao primeiro plano, sendo o texto a unidade de ensino a ser considerada; e não mais com base em uma perspectiva apenas gramatical, mas enunciativa. As condições de produção, circulação e recepção dos enunciados passaram a constar também nessas diretrizes, chamando a atenção para a necessidade de reflexão sobre os usos linguísticos na (re)produção de sentidos e no tipo de interação social em pauta. À análise gramatical, passa a se somar a análise linguístico-discursiva, preocupada com a construção de um conhecimento crítico-reflexivo sobre a língua e sobre os recursos expressivos que se podem mobilizar no seu uso. Ademais, no contexto contemporâneo, em que a cultura digital ocupa cada vez mais um papel de destaque, para além do saber sobre a língua e o seu funcionamento discursivo, também as outras linguagens (não-verbais e/ou multimodais) passaram a compor as demandas da formação básica, justamente nas disciplinas de língua(s), como comprovam as prescrições da BNCC. O trabalho com o discurso deve, segundo as novas normas, agora se aliar à exploração de outras linguagens além da verbal, sendo importante ainda estimular uma apreensão crítica dos sentidos (re)produzidos, garantindo que a interpretação dos estudantes se desloque e vá além das significações mais evidentes, mais óbvias, mais reprodutoras. Ganha força, portanto, a problemática dos multiletramentos, que, aliada a diversas teorias dos estudos de linguagem que lhe forneçam arcabouço teórico e metodológico crítico, pode auxiliar o trabalho didático na escola. Entre essas teorias, figuram a Análise do Discurso (sobretudo em sua vertente materialista) e a Semiótica Discursiva, que buscam apreender distintas maneiras de compreender os discursos e os textos em suas materialidades significantes, os modos de ressignificar e produzir sentidos outros. Assim, para este simpósio, serão aceitos trabalhos que, baseados nessas teorias e em outras que possam entrar em diálogo com elas, proponham: (a) práticas didáticas de ensino de língua(s) pautadas por essas perspectivas; (b) abordagens críticas dos documentos legais e institucionais que regimentam a educação básica, ou mesmo das práticas da ecologia escolar (da gestão ao lançamento de notas); (c) relatos de experiências de atividades didáticas de análise de linguagens na educação básica. | Eliane Soares de Lima (UFF)  Phellipe Marcel da Silva Esteves (UFF) |